

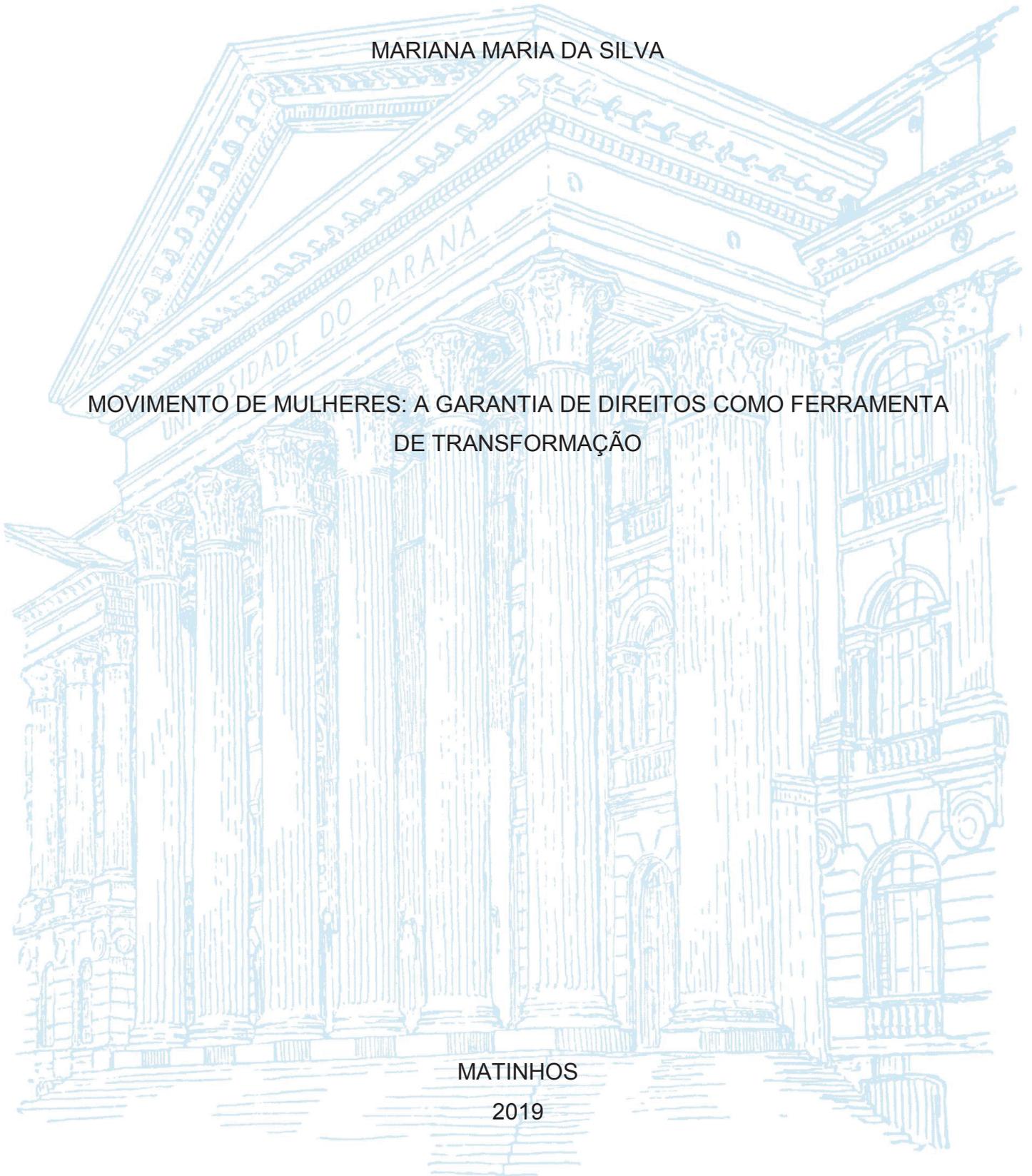
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

MARIANA MARIA DA SILVA

MOVIMENTO DE MULHERES: A GARANTIA DE DIREITOS COMO FERRAMENTA  
DE TRANSFORMAÇÃO

MATINHOS

2019



MARIANA MARIA DA SILVA

MOVIMENTO DE MULHERES: A GARANTIA DE DIREITOS COMO FERRAMENTA  
DE TRANSFORMAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Pós-Graduação em Alternativas para uma Nova Educação, setor Litoral da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Educação.

Orientador(a): Profa. Dra. Lenir Maristela Silva

MATINHOS

2019



Ministério da Educação  
Universidade Federal do Paraná  
Setor Litoral  
Curso de Especialização em Alternativas para  
uma Nova Educação



## TERMO DE APROVAÇÃO

MARIANA MARIA DA SILVA

### MOVIMENTO DE MULHERES: A GARANTIA DE DIREITOS COMO FERRAMENTA DE TRANSFORMAÇÃO

Monografia apresentada ao curso de Pós-Graduação em Alternativas para uma Nova Educação, Setor Litoral, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista.

MARIANA MARIA DA SILVA

Prof(a). Dr(a). Lenir Maristela Silva  
Orientador(a)

Prof(a). Msc. Susan Regina Raitz Cavallet

Prof(a). Dr. Valdo José Cavallet

Matinhos, 07 de dezembro de 2019.

Dedico essa especialização, a Genésia da Silva Miranda, que nos incentiva a lutar e acreditar na transformação do ser humano.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a minha mãe que é mulher guerreira que nunca desistiu de lutar e nos ensinou que a vida não é fácil, e que não devemos baixar a cabeça. A UNAS por a confiança e por me incentivar sempre na minha jornada. A Professora Lenir Maristela Silva por a compreensão e força e o apoio que ela deu. A coordenação do movimento de mulheres que me ensinou e incentivou a ser a mulher que eu sou hoje.

*"Educação não transforma o mundo. Educação muda pessoas. Pessoas transformam o mundo".*

FREIRE (1979, P.84)

## RESUMO

Vivemos em uma sociedade patriarcal, baseada em um sistema que foi construído historicamente com base nos privilégios da classe masculina em detrimento da feminina. Situação refletida na ausência de mulheres nos livros de história, nos nomes da própria literatura, na participação da política. Uma sociedade que, apesar de apresentar contornos modernos, continua a escravizar a linguagem com suas formas masculinas; uma sociedade com uma religião patriarcal, que, na figura do homem, reproduziu um Deus à sua imagem e semelhança, um Deus apenas homem. Esse trabalho relata o decorrer do “Movimento de Mulheres de Heliópolis” nos anos de 2018 e 2019. Inicialmente relato um pouco da minha história de vida e na sequência apresento o projeto e seus desdobramentos.

Palavras-chave: mulheres na luta por garantia de direitos.

## **ABSTRACT**

We live in a patriarchal society, based on a system that was built historically based on the privileges of the male class at the expense of the female. Situation reflected in the absence of women in history books, in the names of literature itself, in the participation of politics. A society that, despite presenting modern contours, continues to enslave language with its masculine forms; a society with a patriarchal religion, which, in the figure of man, reproduced a God in his image and likeness, a God man. This work reports the course of the Heliópolis Women's Movement in the years 2018 and 2019. Initially, I report a little of my life story and then I present the project and its developments.

Keywords: women in the struggle to guarantee rights.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>1</b>
<b>2 MEMÓRIA DE VIDA.....</b>	<b>1</b>
<b>3 A ORIGEM E O MOVIMENTO MULHERES DE HELIÓPOLIS .....</b>	<b>4</b>
3.1 O MOVIMENTO DE MULHERES DE HELIÓPOLIS.....	6
3.2 A FORMAÇÃO POLÍTICA E FEMINISTA DAS MULHERES DO HELIÓPOLIS....	7
3.3 O CENTRO DE DEFESA E CONVIVÊNCIA DA MULHER - SÔNIA MARIA BATISTA .....	13
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>16</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>19</b>



## **1 INTRODUÇÃO**

A única maneira de conseguirmos transformar o mundo tão desigual é a través da educação. Porém, não essa educação formal comum que estamos acostumados, precisamos de uma educação comunitária em que todos na comunidade se sintam responsáveis pela educação e que todos os espaços sejam educativos. Por isso, que Heliópolis, bairro na periferia de São Paulo, busca ser um bairro educador e anualmente a UNAS – União das Associações...juntamente com o CEU Arlete Persoli promove anualmente o seminário Bairro Educador.

Ao ingressar no Curso de Especialização em Alternativas para uma Nova Educação em agosto de 2018 eu tive a necessidade de desenvolver um projeto educativo durante o curso, em minha comunidade. Eu escolhi um projeto que eu já fazia parte: “Movimento de Mulheres de Heliópolis”. Portanto, esse trabalho relata o decorrer desse movimento nos anos de 2018 e 2019. Inicialmente relato um pouco da minha história de vida e na sequência apresento o projeto e seus desdobramentos.

## **2 MEMÓRIA DE VIDA**

Nasci em 1987 e minha família está em Heliópolis desde, 1979. Para minha mãe trabalhar eu tive que cuidar dos meus irmãos mais novos a Juliana Maria (in memoriam) e meu irmão David da Silva. O que me recordo da minha educação básica e que me marcou foi que eu levava meu irmão David comigo para a escola, pois não tínhamos como pagar alguém para ficar com ele na época. Tive uma infância sofrida e marcada pela pobreza como muitos da minha época. Aos meus 4 anos eu já estava inserida no antigo Ozem, que era gerenciado pela Genésia da Silva Miranda uma das fundadoras da Unas. Desde pequena aprendi a lutar por meus direitos e pelos direitos da nossa comunidade. Lembro que já falávamos em um bairro educador, sendo que nessa época não tínhamos comida, não existia saneamento básico, as ruas não eram asfaltadas, não tínhamos iluminação nos postes, os barracos eram de madeira e o tráfico de drogas era pesado. Minha infância foi marcada por muitas lutas e várias conquistas. Recordo-me de um fato simples que me comoveu muito. Não me lembro ao certo o ano e nem a data, foi quando colocaram um muro de concreto para fechar a Rua da mina. Queriam isolar a comunidade de qualquer jeito, Tia Genésia ficou

brava, reuniu os moradores e quebraram esse muro. Recordo-me das diversas vezes em que ela reunia-nos para ir junto com ela, fazer compra no mercado São Jorge, quantas das vezes eu era escolhida, ao fazer a comprar, ela dava uma aula de cidadania e de valores humano. Os anos se passaram, as conquistas aos poucos iam mudando a nossa realidade. O mais importante era a construção no coletivo. A Genésia sempre foi muito democrática e humana com um coração enorme, agregava a todos nós, nunca excluiu ninguém pelo contrário, aqueles que não se agregavam saíam por si só.

Com 15 anos resolvi casar, sair do CCA (Centro de Criança e Adolescente) e lembro que tia Genésia falou assim: - você é uma criança, mas se seus pais querem assinar quem sou eu para falar alguma coisa. O casamento não deu certo, casei muito nova de fato e ainda por cima com um homem extremamente machista. Voltei para a comunidade, passaram-se dois anos e eu resolvi tentar um novo relacionamento. Com 24 anos engravidei da minha primeira filha a Letícia. Imaginem eu mãe, morando de aluguel, juntamente com minha sogra. O que eu ganhava não dava nem para comer e nem para sustentar minha filha. Na época eu ganhava cerca de 500 reais, pagava a metade do aluguel que era 300 reais e me sobravam 200 reais para comprar as coisas para a minha pequena. Além disso, mais uma vez arrumei um marido machista e extremamente ciumento e que não ajudava em nada. Eu e minha sogra que sempre estávamos uma com a outra. Eu não aguentava mais aquela situação. No dia 10 de outubro de 2011 fui conversar com a tia Genésia. Falei para ela arrumar um emprego para mim de educadora. Apesar de eu não saber nem como era mas eu aprenderia rápido. Ela falou que naquele momento não tinha vaga. Fui para casa tão triste sem rumo, aí o telefone tocou e era ela falando se tinha como eu ir no outro dia, pois tinha aparecido uma vaga, era meio período, eu aceitei na hora. Eu estava disposta a mudar minha realidade de vida. Cheguei lá ela me apresentou a turminha e que turminha. Na hora entrei em desespero chorei horrores e falei vou desistir o que eu estou fazendo aqui. Conversei com a tia Genésia e ela falou: “oxi tu nem começou e vai desistir?” Por ali ela foi me ensinado como ser uma educadora. Eu dei trabalho, pois era um diamante bruto e precisava ser lapidado. Ela uma mulher sabia e inteligente uma professora e tanto, me ensinou tudo o que eu sei, eu cometi muitos erros, mas ela não desistiu, ela foi persistente e sempre falava todo mundo aprende um com outro ninguém é melhor que ninguém, tenha paciência com as famílias em veja o contexto social que elas estão inseridas. Essas crianças precisam ser ouvidas, temos que ter

um olhar humano para elas, pois elas são nosso futuro. Não demorou dois meses e eu estava trabalhando em período integral. Eu já estava inserida no movimento de mulheres, não demorou muito me separei novamente, mas dessa vez estava fortalecia enquanto mulher, pois estava rodeada de mulheres fortes, e estava me construindo juntamente com todo esse processo. Imagine só: uma infância nada fácil, uma adolescência perdida e conseqüentemente, uma vida adulta toda conturbada. Mas eu não desisti de mim, pois eu passei acreditar que eu poderia fazer a diferença na minha vida e na vida daquelas crianças. Tia Genésia sempre me deu a maior força, ela sempre me fazia perceber o quanto eu precisava melhorar enquanto pessoa e acreditava em mim. Passou um tempo casei novamente, 2013 comecei a cursar Pedagogia, aí descobri que estava grávida da Maria Heloisa a menina da Luta, foi uma gravidez de alto risco. Nessa época eu estava como coordenadora pedagógica, pois ainda não era obrigado ter o curso superior, foi com muita luta que eu consegui terminar a minha faculdade e em 2017 me formei. Fiquei muito feliz, pois na minha formatura estava a minha professora de vida a tia Genésia, a Lídia, o Jaison e a Priscila, todas pessoas que entraram na minha vida para somar e me ajudaram a crescer enquanto pessoa. Eu fiquei muito feliz, enquanto muitos falavam que eu não iria conseguir eu consegui e acredito que sozinha eu não conseguiria mesmo. Mas eu sempre tive ao meu lado mulheres fortes e da luta.

Em 11 de novembro de 2017 eu fui ser professora de educação infantil na CEI Simone Agnaldo, mais um projeto da Unas. Aprendi muito na educação infantil. A ter organização com a rotina, comprometimento com meus relatórios, um olhar e uma escuta qualificada para cada criança.

Em maio de 2018, consegui entrar para ANE, Curso de alternativas para uma nova educação. Falei pra mim é isso que eu preciso mostrar para o mundo o que nós mulheres fazemos aqui na comunidade de Heliópolis, para poder ajudar mulheres de outras comunidades. Quando cheguei à faculdade achei tudo muito estranho, eu estava acostumada com aquela educação tradicional, lá não tinha lousa e nem precisava de caderno, tudo era na base da escuta qualificada e da troca. Pensei comigo será que isso dará certo? E não é que deu mais que certo, aprendi muito só de ouvir meus colegas falando, contribuí bastante com a nossa experiência de Heliópolis como bairro educador. Um sonho eu estava em uma Universidade Federal, uma mulher negra e periférica que muitos nem acreditavam que eu iria cursar uma faculdade imagine além disso, fazer uma pós.

Em 08 de julho 2019, aconteceu uma fatalidade, minha irmã e meu cunhado foram carbonizados na cidade de Acauã Piauí. Sai daqui muito triste e fui atrás das minhas três sobrinhas, que estavam em casa sozinhas. Nesse momento eu descobri quem eram meus amigos de verdade, só tenho agradecer mais uma vez a Unas e ANE, pois nesse momento foram solidários comigo, consegui trazer minhas sobrinhas e elas estão morando com a gente. A luta continua, não podemos desanimar. Juntamente com a entidade decidi me candidatar como conselheira tutelar. Vejam só eu professora, coordenadora do movimento de mulheres, estudante na pós e candidata. Pensei pronto não vou dar conta, mas aqui estou finalizando meu TCC e como conselheira tutelar eleita graças a um bom trabalho político pedagógico que desenvolvemos anos dentro da comunidade de Heliópolis.

### **3 A ORIGEM E O MOVIMENTO MULHERES DE HELIÓPOLIS**

“Que diferença faz morrer aos poucos ou morrer lutando? Eu prefiro morrer lutando!”, frase de Genésia Ferreira da Silva Miranda uma daquelas mulheres nordestinas e guerreiras, de posicionamento forte e com um coração gigante.

Genésia sempre teve um olhar para as mulheres da comunidade de Heliópolis, sempre buscou orientar as mulheres sobre a importância do seu papel na sociedade, estamos falando aqui de 1978, na época não foi nada fácil, pois as mulheres tinham medo de se posicionar ainda mais em uma comunidade composta por homens machistas, criminosos e cheio de si. Mas, Genésia não tinha medo ela mesmo sendo proibida de falar com as mulheres, pois os homens não a queriam por perto, ela não desistia e não aceitava aquela realidade. Ela nunca travou essa luta sozinha, ela sempre agregou o seu esposo João Miranda, o Geraldo dentre outros para conversa com os homens sobre o respeito com as mulheres. Ela sempre acreditou que o bonito é agregar a todos independentemente de cor religião e sexo, pois a responsabilidade é de todos nós, senão vamos acabar nos separando. A luta por garantia de direitos agrega a todos.

Em meio a tanta violência contra a mulher, Genésia reuniu um grupo de mulheres que assim que tal como ela tinham vontade de mudar aquela realidade, pois não aceitavam aquela situação. A realidade daquelas mulheres era a fome a miséria, muitas tinham de 5 a 6 filhos para dar o que comer e ainda havia os grileiros. Foi com

um olhar para essa realidade que ela sempre busca até hoje meios de melhorar as condições de vida dessas famílias.

A maioria das vezes ela, no passado, ia a casa dessas mulheres vítimas de violência, tanto pelo Estado, quanto por seus companheiros para conversar sobre a importância delas se unirem para reivindicar seus direitos. Quando as mulheres começavam a se inserir no mercado de trabalho, se pensava, o que fazer? Onde as crianças vão ficar? A partir daí começou o movimento das mães crecheiras puxado pela Genésia onde levantou-se uma demanda através de abaixo assinado para a criação de creches na comunidade de Heliópolis.

E a Luta nunca parou, as formações com essas mulheres tinha que continuar, pois ainda tinha muito trabalho a ser feito com as mulheres inseridas no mercado de trabalho e as crianças na creche, ainda faltava muitas coisas no bairro. Não tinha saneamento básico, nem a garantia que iríamos continuar na comunidade, e quanto mais se tinha formação, mais se observava que tínhamos uma falta de políticas públicas. Com isso, em meados de 1978 enquanto comissão de moradores da favela de Heliópolis, que lutava pelo direito à moradia e posse da terra decidiu criar a UNAS.

Faz parte igualmente do pensar certa a rejeição mais decidida a qualquer forma de discriminação. A prática preconceituosa de raça, de classe, de gênero ofende a substantividade do ser humano e nega radicalmente a democracia. Quão longe dela nos achamos quando vivemos a impunidade dos que matam meninos nas ruas, dos que assassinam camponeses que lutam por seus direitos, dos que discriminam negros, dos que inferiorizam as mulheres. (FREIRE, 1996 p.36)

Paulo Freire nos alimenta com intensas análises das possibilidades que detém o sistema educacional e no interior dele, o seu professor, no processo de mudança da sociedade. Em cujo contexto desenvolve suas atividades e de seu compromisso em colaborar com o processo de transformação. A tarefa formadora do professor “se dá na interioridade das lutas populares, na intimidade dos movimentos sociais de onde se origina, dos quais não pode afastar-se e com os quais precisa aprender sempre”.

Precisamente porque nos tornamos seres capazes de observar, comparar, avaliar, escolher, decidir, romper, optar nos fez seres éticos e se abriu para nos a probabilidade de transgredir a ética, jamais poderia aceitar a transgressão como um direito, mas como uma possibilidade e que devemos lutar e não diante da qual cruzar os braços. É possível negar a natureza política do processo educativo, bem como e

impossível à negação do caráter educativo do ato político, isso significa a inexistência de uma educação neutra e a existência de uma prática política esvaziada de contexto educativo.

Genésia, assim como as outras mulheres entendeu que para mudar a nossa realidade tínhamos que estudar, pois só a educação transforma. Os anos se passaram as lutas continuava mulheres que buscavam mudar a realidade delas e de outras, tornaram-se grandes educadoras. Mais a história do Movimento de mulheres é antiga e está intimamente ligada à luta por moradia na formação do Heliópolis.

A luta por moradia no Heliópolis foi tomando força ao longo dos anos e ao mesmo tempo dando espaço para que outros eixos começassem a ser discutidos dentro da organização da UNAS. Foi a partir da análise e compreensão sobre o que a comunidade estava precisando, que o Movimento de Mulheres foi criado em 2012.

### 3.1 O MOVIMENTO DE MULHERES DE HELIÓPOLIS

Movimento de Mulheres é, em suas palavras, um trabalho de formiguinha dentro de diversos espaços políticos e educativos no Heliópolis. Assim, os CCAs entram como um espaço chave para o trabalho de base do Movimento. Em todas as onze unidades divididas pelo bairro, que tem cerca de 220 mil habitantes, há ao menos um representante de cada Movimento. A ideia é que essas pessoas possam ajudar a formar o plano pedagógico que será trabalhado com as crianças, e assim conseguir dialogar assuntos como feminismo, negritude, intolerância religiosa, educação sexual, questões LGBT e assim por diante. O método de ensino utilizado, é inspirado em Paulo Freire: “a gente aprende junto com as outras crianças e pensamos a partir da realidade delas. Se eu der uma aula de arte, por exemplo, vou pegar um grafite ou pichações e pensar com eles como aquilo se transforma em arte, o que aquela manifestação representa e tudo mais”,

A formação é política e feminista nas trocas com as crianças e adolescentes. Os CCAs acabam sendo espaços de formação política e cidadã de crianças e justamente por isso são tão fundamentais para o Movimento de Mulheres. As conversas diretamente com as crianças e adolescentes sobre o que é feminismo é revolucionário, porque elas mesmas já começam a perceber o que tem de errado em seu cotidiano e começam a questionar esses padrões de comportamento.

O processo pela quebra da desigualdade de gênero é feito em todas as instâncias, desde entender assuntos mais pesados como o que é violência sexual, até identificar tratamentos que diminuem meninas, as colocando como seres inferiores.

Com as crianças dos 6 aos 10 anos é mais complicado abordar violência sexual e doméstica, mas procura-se outras formas, mais leves, de entrar no assunto e mostrar que a menina tem que estar em pé de igualdade ao menino:

Eles reproduzem muito a violência que veem, escutam e convivem dentro de casa. O mais comum é contarem sobre o pai que está preso ou sobre a mãe que apanha quase todo dia. Isso é muito recorrente e quando eles trazem esses assuntos, a gente conversa sobre. No mais, fazemos brincadeiras pra mostrar que meninas e meninos podem brincar de qualquer coisa, tanto videogame como boneca. Incentivamos que todas as crianças usem todos os brinquedos.

É interessante como cutucar essas estruturas machistas, homofóbicas e racistas promovem outras dinâmicas de comportamento. Os pequenos, passam a defender uns aos outros. Se alguém chama o outro de 'viado', eles vão e falam que isso não é um problema e que a vida é dele. Se não deixam uma menina jogar futebol, eles reclamam e tentam resolver. Xingamentos racistas acontecem muito raramente, porque eles já sabem que isso é algo inadmissível. E não é por medo ou apenas por seguir uma regra, é por terem compreendido o motivo daquilo ser errado. Acho que são pequenas mudanças que podem surtir efeito na formação deles”.

### 3.2 A FORMAÇÃO POLÍTICA E FEMINISTA DAS MULHERES DO HELIÓPOLIS

As ações do Movimento de mulheres não param nos CCAs e nas rodas de conversas mensais. As coordenadoras buscaram projetos de politização feminista e empoderamento feminino para conseguir chegar em mais mulheres do bairro.

Em meio a esses quatro anos de movimentação política feminista, elas organizaram dois cursos anuais, em parceria com o governo federal, muito importantes para a formação destas mulheres.

O primeiro curso foi sobre Mulheres nos Espaços de Poder e Decisão. O projeto consistiu em abrir 15 vagas para mulheres em todos os CCAs e discutir ao longo do ano o movimento feminista, sua história, a representação política da mulher, controle social, diversas configurações de família, dentre outros temas que as coordenadoras do Movimento de Mulheres separaram para fazer o programa.

Ao final do curso, as mulheres que participaram foram indicadas para serem representantes em diversos núcleos, como nos conselhos participativos da saúde, da educação, de moradia. “Para uma mulher que vive em sua casa e não tem como debater com seu marido, ser representante do Heliópolis ou do Ipiranga num conselho de saúde é uma coisa muito grande. É um espaço de fala, uma representante do povo”, explica (Indiara Gabriela atual conselheira Tutelar do Sacomã)

As mulheres que participaram desses projetos eram as mães dos alunos e alunas dos CCAs e também mulheres que faziam parte do MOVA, que tinham por volta de 60 anos e nunca tinham pegado num lápis para escrever. “Foi muito bom trabalhar com essas mulheres, porque elas já sabiam de muita coisa, como por exemplo os sintomas de um relacionamento abusivo – só não sabiam que esse era o nome. Foram trocas maravilhosas”.

O segundo curso foi sobre empoderamento, voltado especificamente para as mães dos meninos e meninas que participam do MSE “A gente se reunia uma vez por semana durante quase um ano, mas era muito difícil que elas falassem no começo. Muitas iam obrigadas, outras abandonaram no meio. Elas tinham muita vergonha, tinham vergonha de falar quem era seu filho e sentiam culpa ao mesmo tempo. A maioria estava passando por um processo interno muito delicado”.

Foi necessário apresentar oficinas de coisas práticas para prender a atenção delas durante algumas reuniões. Como a maior parte delas não trabalhava, organizamos uma oficina para que elas aprendessem a fazer salgado e ovo de páscoa e ganhassem alguma renda.

Conforme foi passando o tempo algumas se sentiam mais a vontade pra desabafar, o que incentivava as demais. Muitas das vezes nem conseguimos passar os conteúdos que havíamos preparado”.

Nos últimos encontros as mulheres já estavam falando mais e na despedida do curso chegaram a gravar um vídeo de agradecimento por terem ganhado um espaço para poder falar, afirmando que tudo aquilo tinha feito muito bem a elas.

Ao longo dos encontros, enquanto elas iam conversando, desabafando e construindo, talvez sem perceberem de pronto, um círculo forte de confiança, suas mãos costuravam algo muito simbólico: a bandeira de tecido do Movimento de Mulheres do Heliópolis, na qual está escrito, “Enquanto houver vida, haverá revolução”.

“Sabemos que ser mulher em uma cidade pensada para os homens não é fácil. O assédio e violência afetam diariamente nossa vida, tanto em suas casas quanto nas ruas. Na favela é pior. As diferenças são enormes em relação a um bairro de classe média alta”

Além de enfrentar as situações de violência, as mulheres têm que usufruir de serviços públicos precários, que as deixam ainda mais vulneráveis. Ruas escuras, transportes lotados, lixo a céu aberto são alguns dos obstáculos diários que elas encontram.

Heliópolis tornou-se o primeiro da cidade a receber iluminação 100% de led, em resposta a um lanternaço realizado pela campanha com as mulheres da comunidade percorrendo as ruas com lanternas acesas, alertando para o problema da falta de iluminação que torna o ir e vir marcado pelo medo e pela violência. A campanha construiu, com as mulheres das comunidades, uma carta política com as demandas para melhorar a oferta de serviços públicos como iluminação, moradia, transporte, policiamento e educação. A carta foi entregue em secretarias municipais e estaduais, prefeituras e governos. Entre as demandas da carta, está a de universalizar a implantação e manutenção da iluminação pública por governos e concessionárias. No transporte, pede campanhas educativas e medidas protetivas para dentro dos veículos públicos, como a capacitação de motoristas e cobradores para lidarem com casos de assédio, além da melhoria na qualidade e quantidade da frota, priorizando a oferta para as áreas de periferia. A moradia também entra, pois, além do acesso, as mulheres precisam ter segurança na propriedade de suas casas.

E as lutas não param no mesmo ano de 2015 que recebemos a luz de LED, realizamos o nosso primeiro seminário de empoderamento feminino: Mulheres em Poder de Decisão traz uma reflexão das práticas sócias, diferenças de gênero e direitos humanos. Mulheres conhecedoras de seus direitos e de sua história utilizam o empoderamento como um mecanismo de transformação social.

Em 2017 realizamos o nosso II Seminário de Empoderamento Feminino – Mulheres em Espaços de Decisão e Poder.

Olhando a história identificamos que apenas em meados de 1827 surge a primeira lei que nos permite frequentar escolas elementares, em 1879 nos foi permitido estudar em instituições de ensino superior, em 1887 a primeira médica do Brasil estava se formando. Tivemos nosso direito ao voto em 1932, a delegacia de

atendimento especializado em mulher surge em 1985. Para finalizar, em 2010 temos a primeira presidenta do Brasil (REZZUTTI, 1972).

Ao longo dos anos fomos conquistando nosso espaço, descobrindo nossos direitos e continuamos lutando pela igualdade. O II Seminário de Empoderamento Feminino, organizado pelo Movimento de Mulheres de Heliópolis e Região, atuante na UNAS, aconteceu no dia 13 de maio. Trabalhamos o tema Mulheres em Espaços de Decisão e Poder, com o intuito de nos fazer refletir sobre as práticas sociais, diferenças de gênero e direitos humanos. Tivemos a presença dos convidados Luciana Temer, Alexandre Padilha e Sara Siqueira.

Luciana Temer contou que antigamente a violência doméstica, quando denunciada era considerada apenas como uma lesão corporal, afinal não havia a Lei Maria da Penha, que surge apenas em 2006. “A autonomia da mulher é fundamental para o seu empoderamento”. Concluiu após falar sobre a desigualdade de gênero registrado pelo IDH – índice de Desenvolvimento Humano. E terminou falando sobre o lugar da mulher no mercado de trabalho.

Indira Gabriela, 21, militante do Movimento de Mulheres, falou sobre a importância de ter um espaço para discutir sobre o empoderamento feminino. É importante que a sociedade abra espaço para a discussão de gênero para combater o assédio contra as mulheres e essa ideia que o sistema patriarcal impõe de que as mulheres devem obedecer aos homens. A gente vê exemplos e consequências desse sistema todo dia. Deve ser aberta a discussão para entender o que é a representatividade, a igualdade de gênero, a igualdade salarial e tantas outras coisas que precisamos lutar para conquistar. Após começar a frequentar as reuniões do movimento, Indira contou que se sente livre para ser o que é ela sabe rebater quando a ofendem e tentam tirar seus direitos.

Uma das missões da UNAS é transformar Heliópolis em um bairro educador, por isso é aberto discussões como esta. No primeiro parágrafo desse texto vimos a evolução das conquistas das mulheres brasileiras, mas ainda é pouco, temos muito o que conquistar, temos muito para discutir e temos muitos motivos para lutar.

Ao decorrer dos anos nos da coordenação do movimento de mulheres fomos entendendo que só fazer as reuniões não era o suficiente precisamos de alguma forma fazer parte do sistema.

O que é interessante mesmo é que conseguimos tanta coisa, há ao mesmo tempo temos ainda tem tanta coisa para lutar.

A luta não para em 2018, o Movimento de Mulheres de Heliópolis e Região organizou, uma caminhada pelas ruas de Heliópolis. Cerca de 200 mulheres se reuniram na Rua Flor do Pinhal com cartazes, bandeiras e uma animadíssima batucada. Por volta das 09h00, da manhã o ato "Mulher na Luta, Resistência e Luta" teve sua abertura, com a participação da ex-ministra da Secretaria de Políticas para as Mulheres, Eleonora Menicucci que denunciou o impacto das mudanças da CLT - Consolidação das Leis do Trabalho na vida das mulheres, além de ressaltar a importância da participação feminina nos espaços de decisão.

Logo após, as mulheres saíram em caminhada pela comunidade dialogando com os moradores sobre o aumento da violência contra a mulher e a retirada de direitos fundamentais. Ecoando com palavras de ordem: "Essa Luta é nossa, essa luta é do povo. São as mulheres construindo um mundo novo", as participantes do ato denunciaram os retrocessos em direitos sociais vividos pela população, principalmente a moradora de favela que vem sofrendo com o desmonte da saúde pública e a falta de investimentos em programas de assistência social e educação.

Para Antonia Cleide Alves, Presidenta da UNAS, as mulheres são as principais vítimas do golpe: "Quando falamos em desemprego, fim dos direitos trabalhistas e da destruição dos serviços públicos, temos que ter em vista que as mulheres são as que mais sofrem. E quando analisamos a situação da mulher moradora de favela, percebemos que é ainda pior".

Como diz a autora Ynestra KING: "O que adianta partilhar com igualdade um sistema que está matando todos nós?".

A caminhada Mulher na Luta, Resistência e Luta também denunciou o aumento das agressões e estupros contra as mulheres, além dos brutais casos de feminicídio "A Violência Contra a Mulher não é o mundo que a gente quer" foi o canto entoado pelos becos e vielas de Heliópolis.

O Movimento de Mulheres de Heliópolis e Região, representado por sua coordenadora Lídia Tavares, entregou ao Sr. Ronald Ferreira dos Santos, Presidente do Conselho Nacional de Saúde, um documento que reivindica a construção de uma Maternidade e Hospital de referência à Saúde da Mulher em Heliópolis, uma demanda antiga do movimento. A entrega ocorreu durante a realização da 1ª Conferência Nacional de Vigilância em Saúde (CNVS), que acontece em Brasília de 27 de fevereiro

a 2 de março. Lídia, conselheira municipal de Saúde e conselheira municipal de políticas para as mulheres, é delegada nacional na Conferência e nela luta pela manutenção dos direitos conquistados e em defesa de um Sistema Único de Saúde (SUS) público e de qualidade.

O documento entregue apresenta a comunidade de Heliópolis, com população estimada em mais de 220 mil pessoas, na sua maioria mulheres chefes de família. Em São Paulo, as mulheres sofrem diariamente com a falta de políticas públicas, principalmente na área da saúde da mulher. Por isso, apresenta apoio, intervenção e colaboração para criação da Maternidade e Hospital de Referência à Saúde da Mulher em Heliópolis.

As políticas públicas não são neutras, como já percebemos, elas podem ou não efetivar direitos objetivos. Às vezes pode atentar contra esses direitos, ameaçando-os na prática. E, em governos de coalizão, no mais das vezes, são contraditórias, pois expressa a correlação de forças, pró e contra determinada orientação política, em cada espaço de decisão e unidade de gestão.

No caso o movimento de mulheres, veio denunciando a perspectiva patriarcal do Estado e demandando políticas públicas para as mulheres orientadas para a promoção da igualdade, ou seja, políticas que enfrentam os problemas vividos pelas mulheres em decorrência das relações de gênero, de classe e pelo racismo

“O caráter sistêmico da desigualdade de gênero exige uma intervenção do Estado para superá-las que, porém, não se incumbirá dessa tarefa sem um sujeito de transformação que o impulsione na direção da igualdade, por meio do feminismo em ação, que alimente práticas de cidadania das mulheres e aprofunde a democracia do Estado”. Maria Lucia da Silveira.

Cerca de 120 mulheres saíram as ruas de Heliópolis em um Ato/Víglia pelas Vidas das Mulheres. A ação aconteceu em dezembro de 2018, em repúdio a mais um caso de feminicídio na comunidade, onde a jovem Anna Borges de 23 anos, foi brutalmente assassinada pelo Ex-namorado. Após 17 dias desaparecida a jovem foi encontrada morta e enterrada, o autor do crime cometeu suicídio.

Hayde Borges, mãe da jovem Anna aproveitou o ato para ressaltar; “A vida da minha filha foi ceifada por um amor doentio, e por um assassino covarde que se matou para não ter que lidar com o que havia feito. Eu não vou mais ter o direito de casar minha filha ou segurar um neto nos braços, recebi centenas de mensagens maldosas de outras mulheres falando que a Anna procurou isso, a Anna tinha apenas 23 anos

e muito a viver. Mulheres precisamos estar mais unidas, uma com as outras. Gostaria que a história da Anna servisse para que outras mulheres rompam os ciclos de violência em seus relacionamentos".

A violência de gênero não pode ser tratada apenas por ponto de vista policial ou judiciário. São necessárias medidas que promovam o pleno exercício dos direitos e liberdades fundamentais para a população feminina.

É imprescindível que se reconheça a violência de gênero como parte arraigada a estrutura social, histórica, hierarquizada e elitista, assim como a violência racial e social. É preciso enfrentar a opressão/exploração das mulheres e mobilizar todas as áreas do Estado e da sociedade: segurança, justiça, saúde pública, educação cultura e economia.

É preciso que o estado assuma a responsabilidade de programar políticas públicas que rompam com as injustiças divisão social e sexual do trabalho.

A Mobilização da população e a participação nos mecanismos de exigibilidade garantiu a ampliação de políticas públicas para a comunidade de Heliópolis. Após mais de um ano de pressão da população e do Fórum Popular de Saúde da UNAS, a Prefeitura deu início às obras da nova Unidade Básica de Saúde do Sacomã, localizada na Estrada das Lágrimas, nº 1604. Em agosto, o Fórum realizou um ato pela abertura da Unidade de Pronto Atendimento (UPA) 24hs no local da atual UBS, e pela abertura da nova unidade. "Heliópolis não tem um hospital de referência para pronto atendimento, com a implantação da UPA "Iremos passar a ter atendimento para pequenas urgências e emergências" ressaltou na época Lídia Tavares, Conselheira Municipal de Saúde e diretora da UNAS e coordenadora do movimento de mulheres de Heliópolis e região.

O Fórum Popular de Saúde da UNAS sempre convida a todas e todos para se somar nessa luta. Além de reunir conselheiros de saúde, no ano de 2019 a proposta do Fórum foi fortalecer a formação e a organização na comunidade, como forma de enfrentar o desmonte do SUS e lutar pelo direito à saúde.

### 3.3 O CENTRO DE DEFESA E CONVIVÊNCIA DA MULHER - SÔNIA MARIA BATISTA

O Centro de Defesa e Convivência da Mulher - Sônia Maria Batista é mais uma conquista em políticas públicas para nossa região, o serviço é fruto da parceria

entre a UNAS e a Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social e oferece atendimento social, psicológico, orientação e encaminhamento jurídico à mulher em situação de violência doméstica e situação de vulnerabilidade social, disponibilizando condições para o fortalecimento de sua autoestima e autonomia pessoal e social para a superação da situação de violência.

A UNAS iniciou a gestão do serviço em dezembro passado, como resultado de um processo de chamamento público, mas, é muito anterior o desejo e a identificação da demanda de realização deste trabalho, de forma conectada à mulheres das regiões mais vulneráveis do território Ipiranga, composto pelos distritos Cursino, Sacomã e o próprio Ipiranga.

Por se tratar de um tipo de violência que ocorre muito combinada ao pacto social do silêncio, e a todos os estigmas em torno do gênero e papel feminino, a UNAS entende que, de acordo com as condições de vulnerabilidade social, demarcadas pelo acesso à renda, acesso às políticas públicas e o acesso aos direitos que estas mulheres tiveram ao longo da vida, estes fatores contribuem para a dificuldade de identificar a situação de violência, e percebê-la interligada a outras questões sociais e culturais, favorecendo a resignação e dificultando a busca por apoio para rompimento destes ciclos.

Baseados nestes princípios e na própria política de assistência social à qual o serviço é vinculado, no desenvolvimento do atendimento, a inclusão e acesso de mulheres com este perfil, é considerada de fundamental importância. Além de ser uma demanda antiga da organização e do Movimento de Mulheres de Heliópolis e Região, o serviço traduz além do fortalecimento individual de mulheres com o rompimento dos ciclos de violência, mas a luta por políticas públicas e a sensibilização de diferentes instâncias da sociedade civil e poder público pela propagação de uma cultura de paz e não violência de gênero. Mulheres presentes, mulheres vivem!

Em março de 2019 mesmo em meio a forte chuva que caía sobre as ruas da Favela de Heliópolis, centenas de mulheres saíram pela comunidade no início da noite do dia 09 de Março, em ato pela luta aos direitos das mulheres. A folia Feminista marca o Dia Internacional da Mulher, data de reflexão e resistência, em formato de Bloco o Movimento de Mulheres de Heliópolis levou suas bandeiras, cantos e reivindicações para a rua.

Nós do movimento de mulheres, sabemos que só isso não basta, acreditamos que só a formação tem o poder de transformar as pessoas.

No dia 25 de Abril de 2019, o teólogo e filósofo Frei Betto e Genésia Miranda, fundadora da UNAS, estiveram no CEU Heliópolis Profa. Arlete Persoli apresentando suas experiências em décadas de trabalho popular. Ambos trouxeram esperança à militância para seguir engajada na luta pela transformação das comunidades em que vivemos e do Brasil como um todo, pois com a dedicação a um trabalho cotidiano dos movimentos será possível retomar um projeto democrático-popular para o país. Genésia fez um relato de anos de luta pelo direito à moradia, do enfrentamento com os grileiros e com o poder público e de décadas na resistência e organização popular, desde a fundação da UNAS até os dias atuais.

A iniciativa é parte projeto Movimentação, uma parceria da UNAS com a Fundação Ford para estimular a mobilização por políticas públicas em Heliópolis e Região e o fortalecimento dos movimentos. Frei Betto destacou que o Brasil é um país extremamente desigual, e essa é a principal causa dos problemas sociais. No entanto, é preciso não desanimar e dedicar-se a um contínuo trabalho de base, a partir da escuta e do acolhimento às necessidades da população. Cerca de 150 pessoas participaram da atividade, que reuniu integrantes dos Movimento de Mulheres de Heliópolis e Região, Movimento LGBTI+ O Grito da Diversidade, Movimento de Juventude Fala Jovem, Movimento Sem Teto de Heliópolis e Região, Movimento Fé e Política e Movimento Negro de Heliópolis e Região.

“Ele veio nos fortalecer nessa luta pelos direitos humanos. Foi um prazer e uma honra recebê-lo, assim como a companheira Genésia Miranda, uma representante nossa. Isso fortalece nossa luta, traz empatia, busca pela equidade, diminui a distância no entendimento e na formação. Vieram para nos trazer isso, em um período de governo autoritário e de recessão econômica do Brasil com milhões de pessoas desempregadas”, destaca Maria Antônia, diretora da UNAS e Coordenadora do Projeto Movimentação. No final da palestra, foram sorteados dois livros do autor e a biblioteca ganhou todo o acervo de sua obra para empréstimos à comunidade.

Entre os dias 6 e 12 de maio de 2019, lideranças dos movimentos de base da UNAS participaram do 5º Encuentro Nuestra América” (ENA), no Chile. O evento reúne, há mais de sete anos, organizações de 17 países da América Latina para debater iniciativas de educação transformadora na região. A UNAS levou sua experiência de luta pelo direito à educação e pela transformação de Heliópolis em um Bairro Educador. “O ENA reúne professores, educadores, movimentos sociais que buscam alternativas para uma educação libertadora, emancipadora, com autonomia

e responsabilidade. Fomos convidados para apresentar nossa experiência com o Bairro Educador, e pudemos aprender juntos sobre como construir alternativas para uma nova educação, que quebre os muros, tanto de concreto quanto os que estão nas nossas cabeças. Compartilhamos diferentes formas de atuar, metodologias e aprendemos sobre novas tecnologias”, explica Reginaldo José Gonçalves, membro da diretoria da UNAS, responsável pelo eixo Juventude. “Além disso, pudemos fazer resgate da história, mantendo viva a memória das comunidades em que estamos inseridos”.

O encontro trabalhou com três eixos: emancipação, descolonização e transformação, na busca por um outro mundo possível, num caminho de diversidades em direção da Nossa América livre, justa e soberana. “Interessante ver o cuidado que tiveram conosco, um cuidado humano, e também perceber o quanto pensamos igual, cada um em seu território, entendendo que a educação é o melhor instrumento para fazer a transformação, promover a igualdade e a garantia de direitos. Trabalharam muito com os antepassados, trouxeram a questão dos povos originários, do resgate da cultura indígena como enfrentamento aos retrocessos que vivemos aqui e em outros países”, complementa Reginaldo.

O encontro foi finalizado em Santiago do Chile, com a realização de um festival cultural, em que diversos países puderam apresentar sua cultura. Os movimentos da UNAS realizaram uma apresentação musical com o Rapper Lipão, mostrando como é possível utilizar a música como ferramenta de orientação e reivindicação de direitos.

Além dos representantes da UNAS vários educadores e estudantes da ANE também estiveram presentes, o que foi muito fortalecedor para as parcerias.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Diante de um cenário onde o fomento ao ódio e a violência vem aumentando, a vida das mulheres mais uma vez está sendo impactada diretamente. Neste contexto se faz necessário fortalecer e empoderar as Mulheres, em especial as Mulheres periféricas, que têm acesso restrito a diversos mecanismos de educação.

A Escola Feminista Heliópolis é um espaço de formação contínua para mulheres, e propõe inicialmente quatro ciclos de formação, sendo eles: Perspectiva de Classe e Feminismo; Autonomia econômica e trabalho; Saúde integral da mulher

e Violência contra. Precisamos falar sobre essas mulheres, reescrever as suas histórias e não deixar que as nossas sejam esquecidas. Parte disso requer que assumamos e divulguemos nossas ideias e reflexões em todos os meios. Requer que não nos submetamos a relacionamentos abusivos e que não deixemos que a apropriação de nossas ideias apague as nossas capacidades e individualidades.

Precisamos assumir o protagonismo de nossas histórias, como integrantes das histórias da humanidade, ocupando o espaço que ainda nos é negado na disseminação das ideias, da ciência e dos pensamentos. Não podemos nos submeter. Não mais.

Identificar uma condição de submissão muitas vezes requer um exercício diário de autorreflexão e especialmente de sororidade. As mulheres precisam de atenção diária e servir de apoio e alerta umas às outras. Inclusive a filósofa e feminista Djamila Ribeiro tem tratado sobre o tema em suas redes sociais e na escola feminista, ressaltando a frequentes e múltiplas tentativas de silenciar sua produção de conhecimento, em face da grande notoriedade que passou a ter, não só por conta do acesso às modernas formas de comunicação, mas principalmente por ser mulher e negra.

Agrava-se o fato de que, em qualquer sociedade em crise, os direitos dos mais vulneráveis, dentre os quais ainda se encontram as mulheres, são ainda mais ameaçados, o que nos serve de alerta para que nos mantenhamos sempre vigilantes. E não custa lembrar, os atos de silenciamento e apropriação intelectual não são exclusividade de homens com discursos de direita, ao contrário partem também de intelectuais de esquerda.

É chegada a hora de assumirmos a propriedade absoluta de nossos corpos e nossas ideias, mesmo que para isso tenhamos de lutar diariamente contra a proibição do aborto, a ditadura econômica da beleza e da perfeição, as ideias e fundamentos religiosos machistas, a política de aniquilação dos direitos da mulher e da criança, a ausência de espaços para nossas vozes e nossos olhares e a apropriação intelectual de nossas ideias.

Assim, por muitos anos mulheres sonharam com o tempo em que os seus nomes estariam nos livros de história; sonharam com o tempo em que o número de mulheres na política seria igual ao número de homens; sonharam com a liberdade de ser o que quisessem apenas isso; sonharam com um dia em que não precisariam de um instrumento legal para garantir-lhes respeito, que apenas elas (e mais ninguém)

teriam domínio sobre seu próprio corpo. Mulheres como muitas de nos, temos que nos encorajar para não deixar a história morrer, precisamos unir forças para que possamos ser ouvidas, muitas mulheres sonharam e lutaram. Mas, não tiveram oportunidade de ver a colheita. Eis que os frutos que colhemos hoje são consequências de uma luta de ontem. A luta de hoje, provavelmente, só será colhida amanhã. Mais não podemos desistir.

Como diz a autora Simone de Beauvoir: “Nunca se esqueça que basta uma crise política, econômica ou religiosa para que os direitos das mulheres sejam questionados”. É que no meio de uma crise muitos poderes são subtraídos, restando a alguns homens apenas a superioridade frente as mulheres. (SILVA, LIMA, MORAIS 2018).

A nós, mulheres, o que resta é ajudar mutuamente umas às outras, sem julgamentos, pois só assim conseguiremos conquistar espaços e direitos que nos foram furtados. Algo nos dará empoderamento necessário para combater as opressões, rompendo com a marca da rivalidade. Com essa consciência, nos tornaremos mais fortes para desconstruirmos os papéis de submissão que a sociedade nos impõe. Para aquelas que já sabem sua força, cabe como inspiração um trecho do poema de Che Guevara: “não esperem a colheita, estejam sempre a semear”

Essa união entre mulheres como uma ferramenta poderosa para o empoderamento denominou de sororidade; e empoderamento é o que precisamos para alcançar a equidade e desconstruir os papéis que a sociedade machista nos impõe. Não podemos esquecer que a nossa luta não é contra os homens mais sim contra um sistema machista e patriarcal, só venceremos essa batalha quando todos nos permanecemos juntos.

## REFERÊNCIAS

BEIRA, G. **Glossário de termos do feminismo**. Disponível em <<https://www.geledes.org.br/glossario-de-terminos-do-feminismo/>> Acesso em 17/06/2020.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

REZZUTTI, P. **Mulheres do Brasil: a história não contada**. Rio de Janeiro: Leya, 2018.

SILVA, N. LIMA, J. MORAIS, A. J. . **Mulheres": A luta por direitos e o combate ao machismo**. 2018. Disponível em <<http://www.coletivof8.com/single-post/2018/05/11/Mulheres-Ato-em-prol-dos-seus-direitos>> Acesso em 17/06/2020